

Um olhar sobre o Mito de Deméter: O trabalho do tempo e seus significados

Luciana Helena Mussi

O Mito de Deméter apresenta um conteúdo que muito se assemelha a um dos fatores mais angustiantes do envelhecer: as perdas que enfrentamos, seja pelos entes queridos que se vão, seja pela perda dos objetos e condições que muito nos orgulham e pelos quais lutamos toda vida para consegui-los, como a eterna busca pelo Santo Graal, o Cálice de Cristo. E como enfrentar as transformações física, psicológica, mental e espiritual e nas palavras de Jung como “forjar um ego que tolere a verdade”?

Para Goldfarb esta verdade chega, é a inevitável consciência da finitude, é o trabalho do tempo sempre implacável e diante disto não é possível pedir mais tempo:

A vida se desenvolve entre o nascimento e a morte, este tempo vivido é o tempo subjetivo de formação do eu. A idade cronológica segue seu curso, sem piedade, real e absoluta lutando a cada instante com o tempo vivido que avança independente dos desejos e objetivos alcançados no decorrer do caminho. (1998:62).

E o nosso presente é tão cheio de passado, um passado que nos alimenta, que constrói e que tece a teia da vida, uma vida que nos escapa pelas mãos. Nesta jornada pela vida, muitas são as versões do mito.

Um mito é uma história de tradição oral, ou seja, passada de geração em geração, que, geralmente, narra a encarnação de forças da natureza em formas humanas. Os mitos remontam a tempos imemoriais, procurando, quase sempre, contar a criação do mundo ou explicar fenômenos da natureza. Deméter, na mitologia grega, era o nome da deusa que cuidava da terra fértil, do plantio e da colheita. Era a bela filha de Réia e Cronos que comeu os filhos quando nasceram para que nenhum deles pudesse vir a substituí-lo como Deus supremo.

Deméter veio ao mundo quando seu irmão Zeus iludiu o pai, fazendo com que ele vomitasse os filhos que engolira. Casou-se com Hera, outra de suas irmãs, mas cobiçava a beleza de Deméter. Quando esta recusou suas propostas amorosas, ele assumiu sua forma de touro e estuprou-a. O resultado deste estupro foi uma filha, Perséfone, uma criança dourada, amada com extrema ternura pela mãe.

Um dia, Hades, irmão de Deméter, o Deus do mundo inferior, se apaixonou pela menina Perséfone e a raptou. Deméter, desesperada, saiu do Olimpo em busca de sua filha e, durante nove dias e nove noites, vagou em vão. Hélio, o deus sol, vendo a angústia de Deméter, contou-lhe que Perséfone havia sido levada por Hades.

Durante o tempo em que Perséfone estava no mundo inferior, Hades lhe deu uma romã para que ela comesse. Quando Deméter chegou para resgatar a filha, soube que não conseguiria, pois uma vez que ela havia se alimentado no reino de Hades, não poderia deixá-lo.

Muito entristecida pela falta de Perséfone, Deméter não voltou ao Olimpo e a população começou a sofrer com a escassez de alimentos, pois a deusa não estava mais exercendo sua função de promover a fertilidade da terra. Zeus, sabendo o que ocorria, chamou Hermes, o deus mensageiro, para que ele fosse até Hades e o convencesse a devolver Perséfone.

Sob a ameaça de Zeus, Hades consentiu que a filha de Deméter voltasse para a mãe, desde que passasse um terço do ano com ele, no mundo inferior. Este período do ano corresponde ao inverno, pois Perséfone está com Hades, e Deméter, sentindo sua falta, não consegue ajudar no plantio e na colheita, como nos outros períodos.

Assim, o principal elemento que vemos nas representações das deusas da terra cultivada é um ramo de trigo e, no caso de Deméter, uma tocha também, usada para procurar sua filha durante a noite ou no mundo inferior de Hades.

Prétat (1997) afirma que os mitos nos indicam a trilha do saber, um caminho para o centro da mandala, para a essência do ser, a sabedoria interior que está ao alcance de todos. Assim, referindo-se ao mito, ela complementa:

À semelhança de Deméter, buscamos uma resposta, esperando a intervenção divina. Podemos acabar nos voltando para dentro de nós mesmos, em busca da Hécate mística, em busca da velha sábia eremita interior que segura a lanterna do que Erich Neumann chama de consciência lunar. A luz indistinta pode apontar o caminho para Hélio, nossa consciência do sol brilhante. Então descobrimos a verdade. Perdemos nossa juventude e por mais que nos esforcemos não temos como recuperá-la. Como, então, podemos viver? Em vez de obtermos uma fórmula para recuperar a antiga criatividade, talvez seja melhor nos aprofundarmos no mito. (1997:157)

Prétat comenta que quando passamos por uma experiência importante, primordial em nossas vidas, freqüentemente nos colocamos entre o velho e o novo, uma porta fechada no passado e uma porta a frente por abrir. É o “estar entre dois mundos, o nosso mundo, o mundo do qual brilha o sol, e o outro é o mundo da criação, onde todas as coisas têm sua origem. O vão da

porta de Deméter abre-se aos sagrados mistérios que tiveram lugar no útero da terra e conduziram ao além, tradicionalmente considerado como governado por Hades, que era então o senhor da morte. (pg.157). Deméter é a mãe-deusa da terra e do feminino. Ela também é tripla: donzela, mãe e velha sábia, Hécate, a Deusa da Lua, “aquela que traz a luz”. (p.158).

Procurar o que está perdido, como Deméter/Hécate, é uma profunda incumbência, especialmente para as pessoas que estão envelhecendo. Para Jung (1998), Cristo era um importante símbolo do Si-mesmo. Transformar-se numa pessoa em união com o feminino, tornar-se um indivíduo que se aproximou mais da androginia do Cristo-Si-mesmo, significa que a pessoa não é mais uma criança no antigo sentido de ser ingênua e virginal. Não mais fechado, o indivíduo emerge do inconsciente conduzindo as novas possibilidades encontradas na descida.

Para o autor, o processo de Individuação pode ser entendido como a ação de uma vida de amadurecimento psíquico, onde cada um tem o desafio de tornar-se Si-Mesmo. Diariamente nos deparamos com a intrigante tarefa de dar passos significativos, sejam eles profissionais ou ligados a relações afetivas, ações que não agridam nossa natureza e potencializem nossas habilidades. E o que fazer com a corrente contrária que a vida nos impõe?

Pode-se pensar em Jung quando este, corajosamente, seguiu seu próprio caminho e rompeu com seu mestre Freud, por não serem aceitas suas novas idéias sobre a constituição e o funcionamento da psique. Ao terminar de escrever a obra que marcou essa separação “Símbolos da Transformação”, que tratava das fantasias de uma mulher psicótica, Jung estava convencido sobre a relação entre esses conteúdos e a mitologia universal.

Nesta reflexão, Souza (2004) em seu artigo “O desafio de tornar-se si-mesmo”, comenta: “Joseph Campbell, mitólogo que conheceu Jung conta que, nesse momento, - “Jung compreendeu o que significava viver dentro de uma mitologia e sem ela” [...] Relata que ele “se perguntou em que mitologia vivia e concluiu que não sabia”. Jung fez disso, então, nas suas próprias palavras “a tarefa das tarefas de sua vida: descobrir por qual mitologia estava vivendo”.

Souza alerta, ainda citando Campbell, para a importância da descoberta da própria alma no processo de individuação: “Cada qual tem que encontrar seu próprio caminho. No entanto, se a pessoa se recusa a pensar que tem um problema interior não conseguirá sair da encruzilhada. Temos que aprender a reconhecer nosso próprio âmago.”

Campbell fala de um caminho, uma expressão interior a ser buscada:

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de

modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e de nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos. É disso que se trata, afinal, e é o que essas pistas nos ajudam a procurar, dentro de nós mesmos. Mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana. (1990:3)

Para Hillman, o envelhecimento é necessário, não se trata de um acidente, é necessária a condição humana e pretendida pela alma. “Muito mais importante é olhar para a velhice como um estado de ser, e para o “velho” como um fenômeno arquetípico, com seus próprios mitos e significados. Este é o desafio mais ousado: encontrar o valor no envelhecimento sem pedir esse valor emprestado à metafísica e às teologias da morte: o envelhecimento por si só, uma coisa própria, liberta do cadáver” (2001:24).

Quando Lao-Tse diz: “Todos os seres são claros, só eu sou turvo”, exprime o que sinto em minha idade avançada. Lao-Tsé é o exemplo do homem de sabedoria superior que viu e fez a experiência do valor e do não-valor, e que no fim da vida deseja voltar a seu próprio ser, no sentido eterno e incognoscível. O arquétipo do homem idoso que contemplou suficientemente a vida é eternamente verdadeiro; em todos os níveis da inteligência, esse tipo aparece e é idêntico, quer se trate de um velho camponês ou de um grande filósofo como Lao-Tsé. Assim, a idade avançada é ... uma limitação, um estreitamento. E no entanto acrescentou em mim tantas coisas: as plantas, os animais, as nuvens, o dia e a noite e o eterno do homem. Quanto mais se acentuou a incerteza em relação a mim mesmo, mais aumentou meu sentimento de parentesco com as coisas. Sim, é como se essa estranheza que há tanto tempo me separava do mundo tivesse agora se interiorizado, revelando-me uma dimensão desconhecida e inesperada de mim mesmo. (Jaffé, 1987:310)

Préat nos conta que na entrada da porta da casa de Jung em Küsnacht há uma citação latina que significa “Invocado ou não, o deus aparece”. Acreditemos nas forças arquetípicas, elas nos iniciam numa história mítica, na esfera do mito. A história de Deméter nos conduz a esses mitos. Ela nos fala e ensina sobre a dor das nossas perdas e a esperança da transformação.

Préat afirma que, em seus últimos anos de vida, Jung aceitou a ajuda de Aniela Jaffé para escrever sua autobiografia “Memórias, sonhos e reflexões”, seus chamados “Late Thoughts”. Assim Jung entrega a Jaffé seu tesouro mais precioso, seus pensamentos:

Foi somente depois da doença (em 1944) que compreendi como é importante consolidar o próprio destino. Desta maneira forjamos um ego que não se abate quando coisas incompreensíveis acontecem; um ego forte, capaz de suportar a verdade, capaz de enfrentar o mundo e o destino. Aí então, experimentar a derrota também significa vivenciar a vitória. Nada é perturbado – nem interna nem externamente, pois nossa continuidade resistiu à corrente da vida e do tempo. Mas isto só pode acontecer quando não nos imiscuímos inquisitivamente nos componentes do destino. (1987:297)

A autora complementa o pensamento de Jung refletindo sobre o envelhecer, os efeitos das transformações e a nossa capacidade psíquica de enfrentamento das vicissitudes e da vida:

O desafio de nos vermos diante de coisas incompreensíveis pode acontecer a qualquer um de nós. É de esperar que, especialmente quando atravessamos nossos anos de declínio, também possamos alcançar um lugar onde vivenciemos a vitória nas nossas derrotas. Aceitar a nós mesmos e a nossa vida é uma lição que todos gostaríamos de aprender. Tanto essa lição quanto o desenvolvimento de um ego que suporte a verdade e não se imiscua no destino parecem ser metas que todos procuramos alcançar enquanto transpomos a passagem de transição do envelhecimento. (1987: 57)

Referências

- ALENCAR, V. P. *Representações de Deméter e Perséfone*. 2010. <http://educacao.uol.com.br/artes/mito-e-arte.jhtm>. Acesso em 20/09/2010. Acesso em 13/09/2010.
- CAMPBELL, J. *O Poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- GOLDFARB, D.C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- HILLMAN, J. *A Força do caráter: e a poética de uma vida longa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JAFFÉ, A. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- JUNG, C.G. *Aion - Estudos sobre o simbolismo do Si-Mesmo*. São Paulo: Vozes, 1998.
- PRÉTAT, J.R. *Envelhecer: os anos de declínio e a transformação da última fase da vida*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SOUZA, L.P.P. *O desafio de tornar-se si-mesmo*. 2004. <http://www.lincx.com.br/cuidando-de-sua-saude/medicina/por-uma-vida-mais-saudavel/5078-o-desafio-de-tornar-se-si-mesmo.html>. Acesso em 20/09/2010.



Luciana Helena Mussi - Engenheira, Psicóloga e Mestranda em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).
E-mail: lh0404@terra.com.br